

## Desafios e Possibilidades na Educação Musical Intercultural: Um Relato de Estágio Docente na Disciplina Música, Cultura e Sociedade B da UFMG Comunicação

### GTE 13 – Ensino Superior de Música

*Romario Allef Ribeiro Silva*  
*Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG*  
*r.allef.rs@gmail.com*

**Resumo:** Este relato apresenta as atividades e reflexões desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado realizado na disciplina *Música, Cultura e Sociedade B: Tradições Musicais Afro-brasileiras e Ameríndias*, vinculada ao curso de graduação em Música da UFMG. A partir de uma abordagem intercultural e decolonial, a experiência teve como foco a análise e participação em estratégias metodológicas voltadas ao reconhecimento e valorização das tradições musicais afro-brasileiras e ameríndias no ensino superior. A observação de dinâmicas de ensino, a análise crítica das resistências dos estudantes frente aos conteúdos propostos e o acompanhamento de atividades extraclasse, possibilitaram uma reflexão sobre os desafios e potencialidades de uma educação musical comprometida com a diversidade cultural e a revisão de paradigmas historiográficos. O relato destaca a importância de práticas pedagógicas que articulem teoria e vivência, promovendo o desenvolvimento de uma consciência crítica e ampliando o repertório epistemológico dos estudantes.

**Palavras-chave:** Epistemologias Plurais, Ensino superior de música, Colonialidade.

### Introdução

A formação docente no ensino superior, especialmente em áreas como a Música, demanda uma constante reflexão sobre as práticas pedagógicas e os referenciais teóricos que sustentam os processos de ensino-aprendizagem. Em um contexto marcado historicamente pela valorização de paradigmas eurocêntricos e pela marginalização de outras matrizes culturais, a inserção de conteúdos que problematizam tais hegemonias torna-se um desafio, mas também uma necessidade urgente no âmbito da educação musical. Felizmente, já existem muitas iniciativas nessa direção.

Este relato de experiência apresenta as principais vivências e reflexões decorrentes da minha atuação como estagiário docente na disciplina *Música, Cultura e Sociedade B – Tradições Musicais Afro-brasileiras e Ameríndias*. O estágio é um componente curricular do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS), na linha de pesquisa Música e Cultura.

A experiência relatada integra a etapa de Estágio Supervisionado, exigida pela estrutura curricular do programa de pós-graduação, e foi desenvolvida a partir de uma perspectiva de ensino voltada à interculturalidade, ao reconhecimento da diversidade étnico-racial e, à crítica aos processos históricos de invisibilização das tradições musicais afro-brasileiras e ameríndias. Ao longo do semestre, a participação como observador e ativo no planejamento das atividades da disciplina permitiu a análise aprofundada de estratégias metodológicas que dialogam com abordagens decoloniais e com os pressupostos da educação crítica.

Este texto busca compartilhar as dinâmicas de ensino observadas e experienciadas, bem como refletir sobre os desafios e aprendizados que emergiram desse processo. As análises aqui apresentadas têm como base a interação direta com os discentes, as estratégias utilizadas pelos docentes da disciplina e os conteúdos teóricos mobilizados ao longo do curso, com destaque para autores como Kabengele Munanga (2015), Yeda Pessoa de Castro (2002) e Glaura Lucas (1999). A experiência, além de contribuir para minha formação docente, também oferece subsídios para a discussão sobre a construção de currículos musicais mais plurais, representativos e socialmente comprometidos.

## **Contextualização da Disciplina: Uma proposta Pedagógica em discussão**

Em uma busca por repensar a educação musical no ensino superior no contexto do século XXI, Queiroz (2017) evidencia uma série de desafios relacionados à necessidade de reestruturação curricular e metodológica. Segundo o autor, o cenário contemporâneo demanda a incorporação de novas matrizes curriculares, de conhecimentos e saberes diversos, bem como de formas diferenciadas de sistematização pedagógica.

Essas transformações estão relacionadas à busca pela ampliação da diversidade cultural no mundo atual e à exigência de que a educação superior se insira de forma coerente nesse contexto. No campo específico da educação musical, tais questões implicam a revisão

dos referenciais formativos vigentes, de modo a considerar múltiplas abordagens, práticas e repertórios que reflitam a heterogeneidade sociocultural contemporânea.

Alinhada com esse debate, a partir de 2015 o curso de música da UFMG, passou por uma série de reformulações que transformaram a disciplina “História da Música” em “História e Música”, seguindo uma abordagem não-cronológica, e que, posteriormente, a partir de 2017, deu lugar às atuais disciplinas: “Panorama da Música de Concerto”, “Música, Cultura e Sociedade A e B”. O estágio foi realizado na parte B e este será o foco deste trabalho. Desde a sua implantação, esta disciplina atua como uma alternativa de ampliação epistemológica dentro do ambiente acadêmico da graduação em música (Rocha e Silva, 2022).

A alteração no nome e na proposta da disciplina não foi uma ação isolada da Escola de Música da UFMG, mas faz parte de um movimento em que várias outras universidades propuseram uma mudança semelhante, como demonstrado por Paulo Castagna (2015) em seu relato escrito em prol dessa alteração no curso de música da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP). Segundo o autor, essa reformulação curricular atende à necessidade de romper com uma visão eurocêntrica e linear da história da música, frequentemente restrita ao repertório europeu de concerto, e que pouco dialoga com a diversidade de práticas musicais vivenciadas pelos estudantes da atualidade.

Castagna (2015) destaca que a mudança de nomenclatura e de abordagem pedagógica visa ampliar o escopo epistemológico da disciplina, tornando-a mais aberta a diferentes repertórios, contextos culturais e formas de produção musical, além de estimular uma relação mais crítica e reflexiva entre os discentes e os conteúdos abordados. Trata-se de um esforço para construir um ensino mais representativo da pluralidade cultural contemporânea, ao mesmo tempo em que se busca maior engajamento dos estudantes por meio de uma proposta que contemple suas vivências, interesses e trajetórias musicais diversas.

O autor também aponta que o repertório tradicionalmente abordado nas antigas disciplinas de História da Música, com ênfase na música de concerto europeia, apresenta uma desconexão com o cotidiano da maior parte da população brasileira, fato que reforça a necessidade de reformulações curriculares mais inclusivas. Contudo, é importante considerar que, no contexto específico da graduação em música, muitos estudantes, especialmente dos cursos de bacharelado, mantêm uma relação próxima com esse repertório. Essa afinidade

pode ajudar a explicar a resistência observada por parte desses alunos frente a propostas pedagógicas que buscam deslocar o foco da tradição europeia para a valorização de outras matrizes culturais.

Essa discussão sobre a necessidade de revisão curricular dialoga com as reflexões de Penna e Sobreira (2020), que analisam a persistência do modelo conservatorial na formação de músicos no ensino superior brasileiro. As autoras argumentam que esse modelo, historicamente vinculado à lógica dos conservatórios europeus, ainda orienta grande parte das práticas pedagógicas e das estruturas curriculares das universidades, privilegiando repertórios, métodos e formas de avaliação alinhados a um ideal técnico-performático e eurocêntrico. Tal permanência não apenas limita a diversidade de abordagens no ensino de música, como também contribui para a manutenção de hierarquias simbólicas que desvalorizam outras matrizes culturais. Assim, a criação da disciplina Música, Cultura e Sociedade da Escola de Música da UFMG, pode ser compreendida como uma resposta institucional a esse cenário, representando um esforço concreto de ampliação epistemológica e de inserção de perspectivas interculturais no currículo da graduação em música.

E assim, inserida em um ambiente educacional marcado por debates epistemológicos e por tensões entre diferentes concepções de conhecimento musical, a disciplina Música, Cultura e Sociedade B, que se constituiu como o espaço onde. Foi realizado o estágio docente que fundamenta o presente relato de experiência. Tal disciplina adota uma abordagem que busca ampliar os referenciais formativos tradicionais, incorporando perspectivas interculturais e decoloniais.

Ao longo do estágio, a participação nas atividades da disciplina permitiu observar de forma sistemática as estratégias pedagógicas empregadas pelos docentes para problematizar os modelos eurocêntricos consolidados no ensino superior de música. Essa vivência também possibilitou acompanhar as distintas formas de recepção da proposta por parte dos estudantes, evidenciando os desafios e as possibilidades que emergem na implementação de um currículo orientado pela valorização de diferentes matrizes culturais.

## **Música, Cultura e Sociedade: Dinâmicas de Ensino e Estratégias Metodológicas**

Este artigo parte da experiência de um estágio docente realizado entre setembro de 2024 e janeiro de 2025, que teve como objetivo principal a vivência do ensino superior em música, no caso específico da disciplina onde esta atividade foi desenvolvida. Encontramos um ambiente com foco na reflexão sobre metodologias que promovem o diálogo entre teoria, prática e diversidade cultural.

As partes A e B da disciplina são componentes obrigatórios para todos os estudantes matriculados nos cursos de música, bacharelados em instrumentos, licenciatura e música popular, com algumas especificidades como a previsão os alunos do curso de regência que precisam cursar apenas a parte A, além disso, os alunos de musicoterapia não possuem a obrigatoriedade de cursar essa disciplina e normalmente os alunos dos cursos de música popular tendem a subverter a ordem iniciando com a parte B e no semestre seguinte cursando a parte A.

Nos dois semestres as aulas são ministradas pelos professores Eduardo Pires Rosse e Ricardo Jamal, com uma longa carga horária de quatro horas aula semanais sendo ofertada em dois horários distintos para atender os acadêmicos em ambos os turnos. No turno matutino as aulas acontecem de 8:30 a 12:10, sendo frequentado predominantemente pelos alunos do bacharelado, enquanto as aulas da turma noturna são ministrados 19:00 a 22:30, atendendo em sua maioria os alunos dos cursos de licenciatura e música popular. Diante do longo tempo de duração das aulas, quatro horas seguidas, os professores a estruturam em duas partes onde no primeiro momento são abordados temas referentes aos povos ameríndios, após um breve intervalo, na segunda parte é apresentada uma aula voltada para músicas e tradições de origem afro brasileiras.

As duas partes da disciplina possuem a mesma carga horária e forma de organização, mas enquanto a parte A é focada em temas e discussões mais amplas como apropriação cultural, música e racismo e críticas diretas a historiografia tradicional, a parte B se volta a manifestações e tradições musicais relacionadas com os povos ameríndios e afro-brasileiros específicas que são apresentados e discutidos à luz dos debates realizados na primeira parte. De toda forma, as partes A e B trabalham com ambos os componentes, mas apresentam focos bem delimitados

O estágio docente realizado na Parte B, integrou minha formação no Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS) onde estive inserido na linha de pesquisa Música e Cultura, bastante alinhado com a proposta desenvolvida pelos professores da disciplina.

No início das atividades participei do planejamento das aulas, colaborando na definição do conteúdo proposto para o semestre, a ordem que deveria ser apresentados, suas estratégias didáticas e a metodologia que atendessem aos objetivos da disciplina. As discussões em torno das práticas musicais afro-brasileiras e ameríndias, bem como sua relevância no contexto da educação para a formação profissional dos acadêmicos, nortearam o desenvolvimento do curso.

Na aula inaugural, além de apresentar o plano de ensino e os temas centrais da disciplina, também foi desenvolvida uma atividade de associação livre onde os alunos foram estimulados a escrever em um quadro palavras ou termos que poderiam ser associados com os povos indígenas e pessoas negras. A dinâmica funcionou muito bem como um diagnóstico do nível de familiaridade dos alunos com os dois temas, demonstrando justamente o desconhecimento dos alunos de tais temáticas. Algo já esperado que reforça a ideia de persistência do ensino conservatorial descrito por Penna e Sobreira (2020), neste modelo, as manifestações ameríndias e afro-brasileiras não têm muito espaço.

Após o diagnóstico inicial, a bibliografia escolhida para fundamentar as primeiras aulas contaram com autores como Kabengele Munanga (2015) e Yeda Pessoa de Castro (2002) que de certa forma introduziram o conteúdo como um convite para que os alunos reflitam sobre a maneira como nossa história está relacionada com a história africana e também com as contribuições tanto ameríndias quanto africana foram silenciadas pela historiografia tradicional, muito provavelmente, textos como os propostos para essa disciplina não apareceram novamente ao longo da graduação desses alunos.

A leitura de Kabengele Munanga (2015) constitui uma importante fundamentação teórica para compreender o processo histórico de silenciamento das contribuições africanas e afro-brasileiras na construção da sociedade brasileira. O autor evidencia como a historiografia tradicional priorizou uma perspectiva eurocêntrica, promovendo a marginalização de outras matrizes culturais, especialmente as de origem africana e indígena. Nesse sentido, a inclusão de autores como Munanga na disciplina buscou proporcionar aos

estudantes um olhar crítico sobre as narrativas históricas consolidadas, incentivando a reflexão sobre a formação social e cultural do Brasil. A proposta pedagógica observada durante o estágio dialoga diretamente com essa perspectiva, ao buscar ampliar o repertório teórico dos alunos e promover a problematização dos processos de construção da memória histórica e cultural, conforme discutido por Munanga em seu trabalho.

Dando continuidade a esse processo de reflexão, o texto de Yeda Pessoa de Castro (2002) aprofundou o debate ao direcionar a atenção dos estudantes para a diversidade interna dos povos africanos, evitando generalizações que os reduzam a uma identidade homogênea. A autora enfatiza a existência de múltiplas etnias, cada uma com sua própria cultura e sistema de conhecimento. Além disso, Castro (2002) sistematiza informações sobre os troncos linguísticos africanos, propondo uma análise histórica e estrutural dessas línguas e evidenciando suas relações com práticas sociais e culturais da época.

No contexto da disciplina, o texto foi mobilizado para estimular reflexões sobre a diversidade étnica e linguística dos povos africanos, contribuindo para a problematização de representações simplificadoras e para a valorização de saberes historicamente marginalizados no currículo da educação musical.

Paralelamente a este debate era apresentado na primeira parte da aula, também dentro dessa mesma perspectiva de multiplicidade étnica, algumas manifestações sonoras de determinados povos indígenas do Alto Xingu e posteriormente, especificamente, sobre manifestações dos povos *Tikmũ'ũn*. O contraste entre essas expressões musicais e o repertório historicamente estudado e praticado pelos acadêmicos tornou-se particularmente evidente, especialmente ao se considerar que parte desses povos sequer possui termos específicos para designar aquilo que, no contexto ocidental, compreendemos como "música". Entre os povos do Alto Xingu, por exemplo, a produção sonora integra o cotidiano de forma inseparável de outras práticas sociais e simbólicas, como rituais e cerimônias, o que desafia concepções convencionais sobre música e sua função cultural.

As aulas seguintes trouxeram a apresentação e análise de rituais e práticas musicais específicos, a proposta central da parte B da disciplina. Assim, foram apresentadas manifestações como a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos, o samba e suas representações simbólicas, além de expressões sonoras de grupos indígenas do Alto

Xingu tais como os *Apapaatai*, as flautas dos homens, as hiper mulheres e por fim, os *yãmĩy* dentro da tradição dos *Tikmũ'ũn*.

A título de exemplo, na aula sobre o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos", foi utilizado trabalhos de Glaura Lucas (1999) como texto de apoio e base para fundamentar os debates em aula. Os discentes também foram incentivados a participar presencialmente de celebrações realizadas durante a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos como uma atividade extraclasse.

No dia 13 de outubro, como parte das atividades extraclasse da disciplina, os docentes acompanharam os estudantes que estiveram presentes durante as celebrações matutinas do Congado, as quais incluíram a concentração das Guardas de Congo e Moçambique, a Visita de Coroas e a Missa Conga com a participação das Guardas de Congado. A vivência dessa manifestação permitiu aos alunos o contato direto com os aspectos rituais, musicais e simbólicos do Congado, proporcionando uma experiência empírica fundamental para a articulação entre teoria e prática. Posteriormente, os discentes foram incentivados a estabelecer relações críticas entre os conteúdos discutidos em sala, especialmente os textos teóricos, e os elementos performáticos observados durante a celebração.

A participação na atividade buscava contribuir para ampliar a compreensão das dimensões culturais, sociais e religiosas envolvidas na manifestação. No entanto, foi observado que a adesão dos estudantes às atividades extraclasse foi limitada. Tal fato pode estar relacionado a diferentes fatores, incluindo questões de disponibilidade, interesse ou dificuldades logísticas. Contudo, considerando o perfil formativo da maioria dos discentes, especialmente daqueles vinculados aos cursos de bacharelado, é possível levantar a hipótese de que essa baixa participação também reflita certa dificuldade de engajamento com propostas pedagógicas que buscam romper com os referenciais eurocêtricos tradicionalmente presentes na formação em música. Essa possibilidade merece atenção, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de estratégias que favoreçam a ampliação do repertório de experiências culturais dos alunos.

Por fim, em consonância com a proposta pedagógica da disciplina, ministrei uma aula para as turmas, tendo como tema central "Diásporas musicais africanas no Brasil: o caso dos *Vissungos*". O planejamento da aula teve como objetivo contextualizar os *vissungos*, contos

de trabalho associados com o período de mineração na região de diamantina no século XVIII e XIX, enquanto expressão vinculada aos processos históricos de resistência e preservação da memória cultural afro-brasileira. A condução da atividade incluiu momentos de exposição teórica, discussão com os estudantes e análise crítica de material audiovisual relacionado ao tema.

A estruturação da aula buscou articular os conteúdos teóricos previamente discutidos na disciplina, com práticas pedagógicas que favorecessem a participação ativa dos alunos, contribuindo para a compreensão dos aspectos históricos, sociais e musicais associados aos vissungos no contexto da diáspora africana no Brasil. Nesse contexto, durante a realização da aula, foi possível observar que o tema abordado era, em grande medida, desconhecido pela maioria dos estudantes. Apesar dessa falta de familiaridade inicial, a turma demonstrou capacidade de estabelecer conexões entre os conteúdos apresentados e discussões anteriores da disciplina, como, por exemplo, as reflexões sobre os troncos linguísticos africanos abordadas nas aulas precedentes.

A análise das manifestações específicas, como os vissungos, revelou-se uma estratégia pedagógica eficaz para contextualizar os conceitos teóricos discutidos ao longo do semestre, ampliando a compreensão dos alunos sobre as dinâmicas culturais e musicais da diáspora africana no Brasil. A abordagem adotada contribuiu para deslocar o foco exclusivamente teórico, favorecendo a construção de saberes a partir da interação entre teoria e prática, o que se refletiu nas intervenções e questionamentos realizados pelos estudantes ao longo da aula.

## Considerações

A realização do estágio docente na disciplina Música, Cultura e Sociedade B possibilitou a observação e a análise de diferentes estratégias pedagógicas voltadas à construção de um currículo mais sensível à diversidade cultural no ensino superior em música. Ao longo do semestre, a atuação em sala de aula, tanto nas atividades regulares quanto no planejamento das aulas, favoreceram o contato direto com propostas metodológicas que buscam problematizar os modelos historiográficos tradicionalmente presentes na formação musical.

As situações observadas durante o estágio, especialmente no que diz respeito às reações dos estudantes diante das abordagens e conteúdos propostos, evidenciaram alguns dos desafios que envolvem a implementação de uma proposta curricular orientada por referenciais interculturais e decoloniais. As resistências percebidas, mais frequentes entre os discentes dos cursos de bacharelado, indicam que a transformação de paradigmas pedagógicos consolidados envolve processos complexos e que demandam um olhar atento às trajetórias formativas dos alunos.

Mais do que um espaço de aplicação de conteúdos, a disciplina mostrou-se um campo de experimentação pedagógica, onde foi possível acompanhar como diferentes estratégias podem contribuir para ampliar os referenciais culturais trabalhados em sala. A experiência de estágio, ao articular teoria e prática, contribuiu também para a minha formação enquanto docente em processo de formação, reforçando a importância de refletir continuamente sobre as escolhas pedagógicas, e os contextos nos quais elas são desenvolvidas.

## Referências

CASTAGNA, Paulo. Dificuldades, reflexões e possibilidades no ensino da História da Música no Brasil do nosso tempo. *Arteriais: Revista do PPGArtes | ICA | UFPA, Belém, v. 1, p. 147-157, fev. 2015.*

CASTRO, Yeda Pessoa de 2002. *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII.* Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais. 240p.

LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário: um estudo etnomusicológico do Congado Mineiro - Arturos e Jatobá.* 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LUCAS, Glaura. Garimpando os vissungos no século XXI. In. SAMPAIO, Neide Freitas (org.). *Vissungos: Cantos Afro-descendentes em Minas Gerais.* Belo Horizonte: Viva Voz, 2009.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.*

ROCHA, Matheus Silva, SILVA, Helena Lopes da. Ensino de História da Música nos cursos de Licenciatura em Música no Brasil: problematizações e impactos na formação e atuação do professor de música. In: XII Encontro Regional Norte da ABEM, 12, 2022, Tocantinópolis. *Anais [...]. Londrina: ABEM, 2022, p. 1-14.*

PENNA, Maura; SOBREIRA, Silvia. A formação universitária do músico: a persistência do modelo de ensino conservatorial. *OPUS, v. 26, n. 3, p. 1–25, 22 Dez 2020.* Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020c2611>>. Acesso em: 22 de jun, 2025.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM, v. 25, n. 39, p. 132–159, 2017.*